

“Não é como hoje em dia, era tudo muito mais difícil”: a chegada da energia elétrica na localidade de Linha Sítio, Cruzeiro do Sul (Rio Grande do Sul - Brasil)

Rodrigo Müller Marques

Universidade do Vale do Taquari
Lajeado - Rio Grande do Sul - Brasil
rodrigomarques93@gmail.com

Júlia Leite Gregory

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo - Rio Grande do Sul - Brasil
jlgregory@universo.univates.br

Sabrina Fabiola Hüther

Centro Universitário Internacional
Pelotas - Rio Grande do Sul - Brasil
bynahuther@gmail.com

Resumo: O presente artigo realiza algumas reflexões a respeito da chegada da energia elétrica em uma pequena localidade rural no interior do município de Cruzeiro do Sul/RS. A energia elétrica foi instalada na localidade de Linha Sítio na década de 1960, e foi necessária a integração e o cooperativismo da população para que o projeto se concretizasse. O objetivo desta pesquisa é perceber como essa transformação ficou marcada na memória de moradores locais que vivenciaram a mudança. As entrevistas realizadas foram pautadas no método da História Oral e combinadas com referências bibliográficas sobre a instalação da energia elétrica no Brasil. O conceito de memória também faz parte da análise dos relatos, tendo em vista que auxilia na problematização das mesmas. Os resultados alcançados permitem inferir que, a partir da perspectiva dos entrevistados, o processo de eletrificação da comunidade não se deu de maneira rápida e foi responsável por mudanças significativas no cotidiano dessas pessoas, as quais transmitem um sentimento positivo em relação à tecnologia que oportunizou um modo de vida mais dinâmico.

Palavras-Chave: Energia Elétrica. História Oral. Memória.

Introdução

A localidade de Linha Sítio está situada no município de Cruzeiro do Sul, pertencente à região denominada Vale do Taquari. Esta região foi povoada mais intensamente após a chegada de imigrantes alemães e italianos no final do século XIX; contudo, indígenas Guarani e Kaingang, africanos escravizados, luso-brasileiros e imigrantes açorianos já ocupavam o território antes disso e seus descendentes continuam presentes até hoje. Imigrantes alemães e italianos e seus descendentes se viram atraídos pela região por esta ser extremamente fértil, em decorrência das

cheias do rio Taquari, e também pela estrutura fundiária ali propiciada: a pequena propriedade agrícola (CHRISTILLINO, 2004).

No século XIX, o Vale do Taquari estava dividido em grandes fazendas que pertenciam a membros da elite fundiária local. Com a chegada dos imigrantes, estes proprietários transformaram suas fazendas em lotes coloniais e enriqueceram vendendo-os aos novos moradores. A maioria destes era descendente de imigrantes estabelecidos nas colônias velhas, mas que com o esgotamento do solo e o aumento populacional tiveram que buscar outros territórios para se estabelecer (CHRISTILLINO, 2004). Estimulados pelo Império brasileiro a constituírem lavouras familiares para abastecer o mercado interno e para substituir a mão de obra escrava, essas pessoas trouxeram consigo um modo de vida próprio inserido em um universo camponês, onde era preciso estabelecer relações de solidariedade e reciprocidade para superar a instabilidade e a insegurança e manter a reprodução do grupo. Trabalhar a terra, semeando e cultivando relações de tempo e espaço, assim como lidar com o clima e com os diferentes afetos (para a terra e para com os outros) criaram um *ethos* próprio de quem na região se estabeleceu, ou seja, sobreviver e construir passou pelas relações socioambientais, econômicas, políticas e de cooperação (SCHWARZ; STERLING, 2015; BRANDON, 1999).

Na localidade de Linha Sítio, a maioria da população é composta por agricultores que possuem pequenas áreas de terra e investem em uma produção agrícola diversificada, em conjunto com a pecuária. Muitos são descendentes de imigrantes alemães que, durante a década de 1960, passaram por uma mudança significativa a partir de uma inovação tecnológica: a instalação da rede elétrica na comunidade. Entrevistamos dois moradores locais que vivenciaram esse processo para entender como essa transformação afetou suas vidas e identificar quais lembranças ficaram conservadas na memória. No caso desta pesquisa, não foi necessário a realização de uma grande quantidade de entrevistas, tendo em vista que o nosso objetivo era justamente alcançar a experiência dos sujeitos, bem como suas impressões e recordações do processo e não explicar o processo de instalação da rede elétrica em si, de modo generalizado. Afinal, “[...] o que interessa é como cada indivíduo sentiu ou percebeu as mudanças, formulou a revisão de seus valores e procedeu a uma síntese das coisas” (MEIHY, 2002, p. 70).

A energia elétrica no Brasil

A energia elétrica demorou consideravelmente até atingir a quase totalidade dos brasileiros. De acordo com os dados do IBGE, correspondentes aos levantamentos de 2010, 97,8% dos domicílios brasileiros possuem energia elétrica, sendo que na área urbana os índices correspondem

a 99,1% e na zona rural são 89,7%. Vale ressaltar que esses índices só foram atingidos graças ao programa “Luz Para Todos”, criado pelo governo federal em 2003, que buscou levar energia elétrica aos lugares mais remotos do país, atingindo pessoas que não possuíam condições financeiras para custear a instalação da rede elétrica em sua residência.

Gomes e Vieira (2009) apresentam seis etapas principais na formação do setor elétrico brasileiro, que compreendem o período de 1880 a 2002. A primeira, denominada monopólio privado, corresponde ao período 1880-1930, conhecido também como República Velha (a partir de 1889). É a fase em que se inicia o uso da energia elétrica no Brasil, com a implantação dos primeiros empreendimentos nacionais e estrangeiros, dominados pelas empresas de capital estrangeiro a partir de 1920, como as empresas LIGHT e AMFORP. Nesse período, a utilização da energia elétrica estava limitada a alguns serviços públicos e à atividade fabril.

O período subsequente, 1931-1945, é caracterizado pela presença do Estado durante o governo getulista. O Estado elabora as primeiras regulamentações no setor, mas a aceleração do desenvolvimento econômico brasileiro corresponde a um aumento da demanda de energia que não tem contrapartida em investimentos por parte das principais empresas de energia elétrica instaladas no país. Assim, a responsabilidade pelo desenvolvimento do setor elétrico ficou a cargo do Estado, apesar de a União não dispor dos recursos financeiros necessários para investir.

De 1946 a 1962 tem-se a etapa do Estado indutor, em que é estabelecida uma maior participação do Estado no setor elétrico, com aumento dos investimentos públicos, especialmente nas concessionárias estaduais. Em 1962 é criada a Eletrobrás, uma *holding* das empresas federais de energia elétrica, entretanto, “[...] a LIGHT e AMFORP continuavam a ser as organizações que, ainda, concentravam maior influência, já que seus interesses continuavam tendo ascendência sobre as demais organizações” (GOMES; VIEIRA, 2009, p. 307).

A fase seguinte, 1963-1979, denominada modelo estatal, é caracterizada pela Eletrobrás como empresa indutora do processo de nacionalização e estatização do setor elétrico, efetuando grandes investimentos. A empresa adquiriu a LIGHT e a AMFORP, tornando-se hegemônica no provimento de energia elétrica no país. Este novo modelo institucional atingiu seu ápice em 1979, e foi possível devido à disponibilidade dos recursos financeiros externos captados pelo regime militar.

O investimento no setor elétrico cresceu durante o regime militar, porém, uma ideia de “milagre econômico” do período precisa ser esclarecida. O governo militar visou o crescimento econômico a partir do PIB (chegando a uma média de 11,1% ao ano entre 1968-1973) e uma inflação que caiu de 25% para pouco mais de 15%. Para alcançar o “milagre econômico”, o governo buscou recursos através de empréstimos no exterior, gerando uma grande dívida pública (VELOSO; VILLELA; GAMBIAGLI, 2008).

Para Mendonça e Fontes (1991), o milagre econômico aconteceu com grandes empresas que obtiveram ganhos com a política financeira do Brasil no período. Em contrapartida, os trabalhadores viveram com arrocho salarial e os sindicatos sofreram com a intervenção estatal. A repressão violenta, que foi uma das principais características do regime militar, acometeu quem ousou protestar. A ditadura deixou marcas negativas em corpos, mentes e na economia, que embora tivesse um PIB subindo na casa de dois dígitos, contraiu empréstimos que deixaram o país com um grande endividamento estatal e não fez com que se diminuíssem desigualdades ou com que a qualidade de vida do trabalhador brasileiro melhorasse.

O milagre ocorreu para alguns e esses foram, principalmente, grandes empresas vinculadas a obras de infraestrutura e de outros ramos (MENDONÇA; FONTES, 1991). Ressalta-se no presente artigo que as marcas de sangue e tortura deixadas pela ditadura não justificam de forma alguma um crescimento econômico, ainda mais tendo em vista que esse crescimento foi relativo e ocorreu a duras custas para o futuro do Brasil, obrigando-o a pagar altos juros e a depender, em muitos casos, de capital externo.

De 1980 a 1992, ocorreu uma crise institucional em decorrência de problemas econômicos, que acabaram afetando o crescimento do setor elétrico. As empresas estaduais questionavam o modelo institucional e não honravam o pagamento da energia recebida. O modelo híbrido (1993-2002) foi inaugurado com a promulgação da Lei nº 8.631/93, que suprimiu a equalização da tarifa e criou “[...] condições para se conciliar os débitos e créditos existentes entre todos os agentes do setor” (GOMES; VIEIRA, 2009, p. 313). Nesse período ocorreram novas mudanças institucionais no setor elétrico brasileiro, sendo que ao final de 2002, a geração e a transmissão de energia eram, majoritariamente, de empresas estatais e a distribuição era principalmente privada.

Gomes e Vieira (2009) concluem que um dos elementos que influencia decisivamente na formação e estruturação do setor elétrico de um país são os recursos financeiros disponibilizados para investimento na ampliação de sua capacidade instalada. Ou seja,

[...] quando foram realizados altos investimentos no setor elétrico, o país aumentou consideravelmente a disponibilidade de energia, mas quando efetuou inexpressivos investimentos, ocorreu o racionamento de energia, a partir de 1937 e em 2001 (GOMES; VIEIRA, 2009, p. 319).

Nesse sentido, verifica-se que muitas zonas afastadas de centros urbanos, como a de Linha Sítio, receberam energia elétrica justamente em um período em que houve grandes investimentos no setor por parte da União (por meio da Eletrobrás) e dos estados, que captaram recursos externos e diminuíram o racionamento de energia. A energia elétrica foi instalada em Linha Sítio no final da década de 1960, no auge do modelo estatal. Ambos os entrevistados mencionaram o ano de 1967 como o ano de instalação da rede na comunidade, o que nos permite depreender que o evento foi

marcante na vida dos dois, fazendo com que a data precisa do acontecimento ficasse gravada na memória, embora outros aspectos estejam relacionados a isso. A seguir, discutiremos alguns aspectos teórico-metodológicos que nortearam a realização do trabalho, sendo eles as orientações da História Oral e o conceito de memória.

História oral e memória

As entrevistas a respeito da instalação de energia elétrica na Linha Sítio foram realizadas sob a perspectiva da História Oral, que oferece à ciência histórica um método que consegue alcançar fontes e indivíduos invisibilizados. Para Thompson (1992, p. 22), a história oral

[...] pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história - seja em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

A história oral vai além das fontes oficiais e por isso atinge histórias de vida de pessoas “comuns” que fazem parte de grupos marginais, como negros, indígenas, mulheres, pobres, etc. Utilizando as fontes orais como matéria-prima de pesquisa, a história ganha nova dimensão, torna-se mais democrática e tem sua finalidade social potencializada. Nas palavras de Alessandro Portelli (1997, p. 37):

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante.

Por outro lado, Michael Pollak (1992) não diferencia fontes orais e escritas, no que concerne à crítica que todo historiador deve aplicar sobre qualquer tipo de fonte. Tanto a documentação quanto os relatos orais são objetos construídos socialmente e devem ser interpretados com cautela e cientificidade. Essa subjetividade intrínseca às fontes pode e deve ser criticada com o amparo do cruzamento de fontes diferentes, porém, é necessário que os historiadores sejam honestos consigo mesmos e saibam que não é possível ter o controle sobre todos os aspectos da fonte, ou seja, é impossível alcançar a história verdadeira, na verdade o que produzimos são histórias parciais e plurais. Para Thompson, a diferença entre fonte oral e escrita está na forma como aquela se apresenta:

Como forma imediata de registro, isto tem tanto vantagens quanto desvantagens. Leva-se muito mais tempo para escutar do que para ler, e se o que foi gravado tiver que ser citado num livro ou artigo, é preciso primeiro fazer uma transcrição. Por outro lado, a gravação é

um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito (POLLAK, 1992, p. 146).

No caso desta pesquisa, optou-se pela utilização de fontes orais por estas apresentarem uma história de vida e, conseqüentemente, memórias individuais sobre um acontecimento. Entretanto, apesar de serem memórias individuais, também fazem parte de um processo de construção social, de uma memória construída e vivenciada coletivamente. A memória é um processo ativo de criação de significações, que seleciona o que fica gravado e o que é esquecido. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). As memórias envolvidas neste estudo lançam impressões pessoais sobre um processo que gerou uma grande mudança em suas vidas e no cotidiano da comunidade. Para Pollak (1992, p. 211), o estudo sobre as histórias de vida “[...] apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação”.

O ato de falar na entrevista gera um empoderamento por parte do entrevistado. Sua fala colore o passado com um valor, exposto a partir da experiência vivida. O passado e a memória não se remetem a categorias inteiras, prontas e acabadas, elas se reconstróem ao serem revisitadas. Ao fazer uso da história oral, o passado se movimenta e recria formas, olhares, sabores e cores que perpassam o individual e o coletivo (ALBERTI, 2004; CALDAS, 2009; MONTENEGRO, 2003).

As entrevistas foram realizadas a partir de questões semiestruturadas, mas que não sugeriam rigidez, nem induziam respostas, como por exemplo: como era antes da chegada da energia elétrica? Como recomenda Thompson (1992), foram elaboradas poucas perguntas, com linguagem comum e simples, que pretenderam deixar a entrevista fluir sem deixá-la completamente livre, afinal, a entrevista tinha um objetivo específico e não pretendia ser uma simples conversa. Foram realizadas nas casas dos informantes, o melhor lugar para se sentir à vontade (THOMPSON, 1992).

A próxima etapa do trabalho foi transcrever as entrevistas para utilizá-las adequadamente, sendo que se optou por colocar as falas dos entrevistados de acordo com a norma culta. Não ocorreu nenhuma alteração na estruturação das falas nem se mudou alguma palavra, apenas foram realizadas mudanças nas grafias de algumas palavras. Foram criados nomes fictícios para os informantes: José (77) e Roberta (83). Ambos nasceram e ainda vivem em Linha Sítio. José é casado, tem dois filhos e exerce a profissão de agricultor. Roberta é viúva, tem quatro filhos e sempre foi dona de casa, embora tenha auxiliado o marido na casa de comércio que ele teve. A seguir, serão expostos trechos das falas dos entrevistados, que elucidam como os mesmos relatam e interpretam o processo em questão, envolvidos pelo respectivo contexto histórico.

“Aquilo foi uma glória grande”

A zona rural demorou mais tempo para receber energia elétrica que a zona urbana, sendo que até a década de 1960 foram poucas as ações da administração pública em favor da eletrificação rural. “Havia ações isoladas de surgimento de extensões de redes urbanas para regiões rurais próximas às cidades [...]” (SIMON, 2011, p. 27). Este trabalho se intensificou com a criação de cooperativas de eletrificação rural, sendo que a primeira cooperativa do país foi criada no Rio Grande do Sul, a Cooperativa de Força e Luz (1941), de Quatro Irmãos, hoje Erechim. Muitas cooperativas foram criadas, atuando principalmente nas décadas de 1960 e 1990. No Vale do Taquari, duas cooperativas tiveram grande destaque no setor, a Cooperativa de Eletrificação Rural Teutônia Ltda. (CERTEL), fundada em 1956 na cidade de Teutônia, e a Cooperativa de Eletrificação Rural Alto Jacuí Ltda. (CERTAJA), criada em 1969 no município de Taquari (SIMON, 2011).

Embora a eletrificação de Linha Sítio não tenha ocorrido pelo trabalho de uma cooperativa, é importante situarmos, no entanto, o processo em seu contexto, ou seja, em 1967, ano em que foi realizada a instalação da rede elétrica na localidade de acordo com os entrevistados, várias regiões afastadas dos centros urbanos também estavam recebendo energia elétrica. Roberta associa o ano de instalação da eletricidade ao ano de nascimento de um de seus filhos: “[...] o meu filho nasceu em sessenta e sete. E ele nasceu, tem quarenta e sete anos e dia vinte de maio, de junho, ele nasceu e em setembro foi botada a luz [...]” (Roberta, 2014, p. 4). É interessante perceber como, neste caso, a memória alcança uma data precisa vinculando-a à vida familiar. Pollak (1992) também encontrou o mesmo ponto de referência quando entrevistou donas de casa que haviam passado pela guerra. As datas precisas mencionadas pelas mulheres foram o nascimento dos filhos, dos primos e sobrinhos, enquanto as datas da vida política ou pública eram bastante imprevistas. Deste modo, entendemos que o que fez com que Roberta gravasse o ano exato de instalação da energia foi um aspecto da vida privada e familiar, importante na experiência de uma dona de casa. Pollak (1992), em sua pesquisa, constatou que as datas precisas ficam guardadas na memória de acordo com a experiência de uma pessoa: se ela tinha uma vida pública, não lembrava tão bem as datas da vida familiar e se era alguém que não tinha inscrição na vida pública ou política, como as donas de casa, lembrava com precisão das datas da vida doméstica.

José, igualmente, reforçou o ano de 1967 como o de instalação da energia: “Olha, isso foi em cinquenta, sessenta e sete por ali, mais ou menos, né, em sessenta e sete” (José, 2014, p. 2). Além disso, ele também relacionou a introdução da energia a um fato da vida privada: o seu casamento, mesmo que não com tanta precisão. São acontecimentos que marcam a vida de qualquer pessoa,

estabelecendo pontos fixos na narrativa de uma história de vida. Logo em seguida, José explicou como ocorreu o processo de financiamento desse projeto:

Aí, depois veio, eu era casado uns dois, três anos, aí veio o projeto da prefeitura né, eles pegaram umas apólices do governo do Estado, eles ganharam né, pra pagar em três ou quatro ou cinco anos adiante né. Só que aí nós tivemos que, os colonos lá, não todos, uma parte, apanhar esse dinheiro no Banco do Brasil como empréstimo para prefeitura né. Nós pagamos no nosso nome né, cada um fez lá, não sei se era setecentos mil ou setecentos conto naquela época, o dinheiro mudou umas quantas vezes de lá pra cá, e, aí nós fomos lá, fizemos financiamento, aí nós ganhamos o dinheiro, passamos na prefeitura [...]. Voltamos com o dinheiro, passamos na prefeitura, entregamos na prefeitura, só que a prefeitura assumiu essas apólices quando dava o vencimento depois eles iam pagar né, o nosso empréstimo no banco também né, e aí nós começamos essa eletrificação rural aí né (José, 2014, p. 1).

O relato apresenta a interação entre diferentes setores para a instalação da energia elétrica, envolvendo diferentes atores e instituições. E, embora tenha ocorrido esse auxílio financeiro por parte do poder público, os moradores tiveram que contribuir com uma parte: “[...] depois a instalação cada um tinha que fazer a sua né, essa também custou, na época foi cento e poucos contos ou sei lá como é que era o dinheiro né, se fazia até chegar num ponto assim que nós tinha luz né” (José, 2014, p. 2). Isso indica que, num primeiro momento, apenas uma parcela da comunidade pôde investir e, posteriormente, o acesso à energia ficou mais fácil: “Na época eles não fizeram né, mas nós fizemos. Os que queriam né. Depois os outros no fim todo mundo pegou né, todo mundo tinha pegado, de graça” (José, 2014, p. 2). Mesmo assim, José aponta que já de início foi a maioria dos moradores que adquiriram: “Olha, isso aqui foi, isto foi uma grande maioria que foi botado” (José, 2014, p. 2).

Segundo José, havia um mediador entre uma empresa de São Rafael (outra localidade de Cruzeiro do Sul), que fornecia o material, e os que seriam contemplados com a energia elétrica. O Brust, descrito dessa forma por José, foi retratado pelo entrevistado como um intermediário e alguém que organizava o trabalho dos colonos quanto à realização dos buracos e dos outros procedimentos:

Olha, essa firma era de São Rafael, era o Brust, naquela época. O Brust [...] tomou conta daquilo ali né e ele que comandava né, ele tinha os dele né, aí os fios, essas coisas todas, ele ganhava dinheiro em cima né, ele comprava sei lá de quem, onde é que comprava, ganhava a parte dele né. Mas ele era o chefe né. Ele tava aí com a turma de colono aí comandando, aí levantava um poste, vinha aqueles, né os, uns pedaços de pau largo assim, e embaixo tinha um gancho assim, forquilha com dente, fincava debaixo do poste aquilo, não deixava o poste escorregar e dois três homens em cada vara pra levantar e ele comandava, ah uh, aí botava um cavalete lá debaixo, do poste lá, os postes assim né, esses aí depois botaram poste mais fino, mas era cada postão né e tudo onze metro. Daí nós descansava um pouco, e ele dava uma chegada de novo, todo mundo fazia força, levantava um pedacinho e escorava debaixo, até que botava em pé, socava, ia pra outro, uns cinquenta até que terminou né (José, 2014, p. 2).

Analisando a fala de José sobre a instalação da energia elétrica em Linha Sítio, pode-se perceber a cooperação presente entre os envolvidos na tarefa de se colocar a energia elétrica: fica claro na fala dele a ideia de um grupo de colonos trabalhando para a colocação dos postes para a

instalação da rede elétrica. Esse fato também remete ao modo de vida nas colônias logo que foram estabelecidas e alguns aspectos que ainda permanecem na vida campesina. Para que os colonos pudessem garantir as mais variadas assistências, como ajudas que assegurassem a subsistência e reprodução do grupo, era necessário estabelecer laços de solidariedade. Essa necessidade se apresentou também quando da instalação da energia elétrica, sendo preciso o trabalho de muitos moradores para o sucesso da tarefa.

Apesar de ser um estudo parcial, é possível supor uma ajuda mútua, podendo se caracterizar certo cooperativismo. Simon (2011, p. 17) escreve que: "Durante toda a história humana, vemos que a solidariedade e a ajuda mútua sempre foram características específicas das civilizações [...]". Além de pensar a cooperação como uma das relações dentro do emaranhado maior que as civilizações desenvolveram, ela pode ajudar a construir coletivamente o que não é possível individualmente. No desenvolvimento das organizações sociais complexas e diversas, ocorre também uma necessidade, em muitos casos de amparo-mútuo (SIMON, 2011).

Na década de 1960, a rotina diária da localidade de Linha Sítio, assim como de outros lugares do interior do Rio Grande do Sul, era bem diferente do dia a dia de grandes centros urbanos. A maioria dos moradores do local é descendente de filhos de imigrantes alemães que se deslocaram para lá em algum momento do século XIX e/ou século XX. São famílias que adquiriram alguns hectares de terra para plantar e criar animais, vivendo da produção de subsistência e comercializando ou trocando o excedente. As gerações seguintes continuaram a mesma profissão dos pais e, ainda na década de 1960, podemos dizer que a comunidade vivia aos moldes do século XIX, considerando as devidas proporções. Algumas características semelhantes entre uma época e outra é a pouca circulação de moeda e a intensa dependência entre vizinhos.

O marido de Roberta tinha uma casa de comércio que atendia a comunidade, oferecendo diversos produtos necessários às famílias. Se fosse preciso, o comerciante aceitava como pagamento produtos ou animais que os agricultores dispusessem em casa, como galinhas, embora algumas pessoas conseguissem pagar com dinheiro. Esse aspecto apresentado por Roberta evidencia uma dinâmica diferente daquela que conhecemos hoje, em que as trocas são bastante impessoais e reguladas pelo livre mercado. Em uma comunidade afastada dos recursos oferecidos pela urbanização, era necessário estabelecer relações de reciprocidade e solidariedade com a vizinhança, em favor da própria reprodução social do grupo.

Analisando a cooperação de força de trabalho para a instalação da energia elétrica em Linha Sítio, é interessante pensar quais princípios de cooperativismo ali se encontram e fazem parte do processo para a realização da tarefa maior. Embora, segundo a entrevista de José, as etapas de colocação dos fios e trabalhos finais tivessem sido realizadas por uma empresa, o processo de corte

de madeira para os postes, a realização da abertura dos buracos e a colocação, foram etapas realizadas pelos agricultores que fizeram o financiamento junto à prefeitura e colocaram primeiramente energia elétrica em suas residências.

Esse tipo de relacionamento comunitário é muito diferente das relações que são estabelecidas atualmente. Embora viver em comunidade sempre significou viver em segurança, com o desenvolvimento das tecnologias e com o avanço do capitalismo a busca pela segurança e a própria comunidade foram ganhando outros significados. Para Bauman (2003), que reflete sobre a busca por segurança no mundo atual, a comunidade que idealizamos não existe realmente, pois a tensão existente entre segurança e identidade (ou comunidade e individualidade) não permite que os prazeres que imaginamos em nossos sonhos se tornem realidade. Para viver em comunidade é preciso fazer escolhas, abrindo mão da liberdade.

No entanto, apesar de vivermos em plena ascensão do individualismo, em outras épocas e em lugares desprovidos de infraestrutura, o hábito de compartilhar e do cuidado mútuo garantiam a sobrevivência dos grupos humanos. Era necessário repartir a produção agrícola e animal, auxiliar os vizinhos na plantação e ter uma boa relação com a vizinhança para assegurar segurança e proteção. Como estudado por Mauss (1974) e, posteriormente, por Godelier (2001), as trocas efetuadas em diversas sociedades em que a monetarização não era tão desenvolvida, tinham o objetivo de garantir uma solidariedade eficaz, que oferecesse condições de existência, embora isso não excluísse o desenvolvimento de hierarquias e relações de poder. Deste modo, entendemos que os favores e auxílios trocados nas comunidades rurais, como a de Linha Sítio, também tinham o mesmo objetivo, assim como esse amparo mútuo foi fundamental para a instalação da rede elétrica, processo que favoreceu toda a comunidade.

A partir de agora, analisaremos as mudanças ocorridas no cotidiano desses moradores após a chegada da energia elétrica na localidade e traçar paralelos sobre como era a vida local antes e depois desta modificação. O primeiro aspecto abordado foi a respeito do armazenamento de alimentos antes de haver energia elétrica. Sobre isso, José relata: “Olha, não tinha como guardar, porco, guardava a carne seca porque a carne defumada tu guarda, não tem problema né” (2014, p. 3). Na mesma linha de raciocínio, ele fala sobre o resfriamento de bebidas: “Bebida, bebida, não tinha gelo, não tinha gelo, isso era botado dentro dum poço lá dentro de um balde, umas cervejas, ou uma coisa que era pra ficar mais fresquinho né. Nem falava em gelar, era ficar mais fresquinho” (José, 2014, p. 3). Roberta também conta sobre como era feito o armazenamento dos alimentos:

[...] a gente não tinha assim carne todo dia, geralmente as pessoas matavam, um carneava uma galinha, um frango pra fim de semana, depois aí veio um açougueiro, veio uma vez por semana, mas ele vinha sexta-feira ou sábado de manhã, mas às vezes com esse calorão, assim, era quente, tu tinha que já assar a carne pra domingo né, não tinha aquele negócio de ter

carne pra fazer churrasco né, isso nem existia. E assim mesmo quando as pessoas carneavam um porco, carneavam uma rês, né pra eles tê banha, porque esse negócio de azeite isso nada tinha, isso não tinha assim mercado como tem hoje, aí aquela carne, tinha gente que eles faziam aqueles assado grande, né, eles temperavam e assavam no forno e eles botavam na, aí tinha uma lata cheia de banha eles largavam no fundo aqueles assado na banha, bastante assim, aí quando em domingo eles tiravam e botavam no... de novo no forno, na panela né aí tinha, e o resto da carne eles salgavam né e secavam ela né, faziam charque... Fazia um fuguinho com fumaça né e aí eles secavam aquela carne né. Faziam muito charque também né assim com a rês né... não é como hoje em dia, era tudo muito mais difícil (Roberta, 2014, p. 2).

O advento e a chegada da geladeira, em menor ou maior proporção, ocasionou uma mudança na alimentação. Quando José foi questionado sobre o que comprou primeiro quando passou a ter energia elétrica em casa, ele não soube responder com exatidão, porém, explorou a questão da carne:

É, porque nós assim nem podia matar um animal né. Porco a gente matava seguido né, mas aí defumava a carne, mais uma vez tu não podia matar uma vaca, um boi né. Mas depois que nós compramos aí se matava sempre aí não tem problema né, freezer tá sempre cheio, né [risadas] (José, 2014, p. 4).

Quando perguntamos à Roberta qual o primeiro eletrodoméstico que ela comprou, respondeu prontamente:

[...] a primeira coisa que nós compramos foi uma geladeira, mas uma geladeira velha, que era desse homem que veio fazer a luz, do Brust, uma "geladerona" grande, compramos dele, eu não me lembro se ela, [como é que] foi, eu sei que ele tinha no salão pra ele, aí nós compramos aquela, aí depois, nem ficamos com ela muito tempo, aí nós vendemos ela pra comunidade e nós compramos uma nova pra nós (2014, p. 4).

Mesmo antes de haver energia elétrica em casa, José afirma que não ia dormir logo que escurecia: "Não, nós ficava, ficava em pé, eu lia muito, na época, eu lia de noite, eu lia, né" (2014, p. 6). Tinha o hábito de ler as revistas do Globo Rural, assinadas por um padrinho seu. A leitura era realizada com a ajuda de um lampião:

[...] a luz da gente era uma latinha assim de folha, com biquinho, com pavio, e ali botava querosene dentro e bem antigamente, antes de nós eles botavam banha dentro, de certo não existia querosene né, ia aí aquilo era nossa luz né ascendia já estava fumegando, e depois bem mais depois aí vinha os lampiãozinho que era uma coisinha mais bonita assim, um vidro, aí também tinha o bico e mas também tinha outro vidro em cima daí botava querosene [...] (Roberta, 2014, p. 3).

A primeira residência a receber energia elétrica foi a de Roberta. Interessante e pertinente perceber sempre que cada indivíduo vê e pensa o mundo a partir de sua ótica, partindo do seu modo de viver e do conjunto de coisas que ocasionaram esse modo. No caso de Roberta, a experiência de dona de casa aparece quando se fala na questão da limpeza do lar, do quanto ajudou após a chegada da luz elétrica.

Já tava tudo pronto pra ligar, mas a primeira que foi ligada foi lá em casa, meu Deus, aquilo foi uma glória grande, meu Deus assim, a nossa casa era de madeira, tanto o armazém quanto a casa de moradia, mas tava assim, aí a gente acho, uma dizia pra outra, meu Deus até já dá

até pra fazer a limpeza de noite porque tu não enxergava assim teia de aranha, uma coisa com aquelas luizinha né, aí clareou tudo assim, né (2014, p. 4).

A contemporaneidade é fortemente influenciada pela informação, cada vez mais disponível, multifocal e veloz. Múltiplas linguagens fazem parte do nosso cotidiano e nos levam a interagir com elas e com a sociedade através de múltiplas plataformas. Modos de falar, escutar e ver encontram-se mediados por telas e a velocidade da informação, cada vez mais elevada, nos leva à algum lugar, porém, não sabemos que lugar é esse (CASTELLS, 2006; FLUSSER, 2007; MORAES, 2006; MUSSO, 2006), mas em uma época que não havia energia elétrica e, conseqüentemente, nem televisão ou rádio, a informação deveria ser passada de outra maneira, qual seria ela? Bom, se tomarmos por base a fala de José, teremos uma breve ideia de como se dava essa comunicação:

Boca a boca, um vizinho avisava o outro né. Quando um morria, um corria pra cá, um corria pra lá, ouvia o sino tocar e eu já perguntava né, aí assim era a comunicação, não tinha. Tem muitas coisas a gente nem ficava sabendo né, e quando tu ficava sabendo já tinha passado um mês né, né. Hoje então nem se fala, mas hoje o que acontecesse, o que acontece no mundo o cara tá sabendo, na hora (José, 2014, p. 5).

Em se tratando de meios de comunicação, os dois entrevistados afirmam que mesmo antes do advento da energia elétrica já existiam rádios que funcionavam à base de pilhas e baterias. José explica sobre isso:

O primeiro rádio que nós compramos era a bateria, isso eu me lembro né, aí que tinha que levá, no moinho lá onde é que eles faziam força com turbina lá pra carregar as baterias todas, aí tu usava lá uns folhetim aí tinha tu que levar a bateria embora pra carregar ela, ficava lá uns quatro, cinco dias, lá, num instrumento lá pra carregar ela, até que ela tava carregada, aí tu tinha que ir lá buscar aí uma bateria, mas tinha que fazer. Os primeiros rádios nem pilha não tinham né, era só a bateria né (2014, p. 4).

De acordo com as fontes, a energia elétrica facilitou e muito o cotidiano em vários sentidos. Durante a entrevista, Roberta relatou a respeito do acesso a água, que ficou muito mais fácil após a chegada da energia. Quando ainda não havia o sistema de poços artesianos e o uso de motores elétricos para o uso de água encanada, a dificuldade tanto para obter água potável para beber quanto para lavar roupa era muito maior que hoje. Fica claro que a luz elétrica além de oferecer mais conforto trouxe, em alguns casos, mais segurança também, afinal, sem iluminação, a noite se tornava bastante obscura. Roberta relata que se sentia amedrontada durante a noite:

Eu passei muito medo quando nós não tinha luz assim, aí tinha, nós tinha aquele mercadinho lá, não tinha vizinho perto, aí o pai [marido dela], em quartas-feiras, ele tinha que fazer as compras. [...] O medo a gente tinha e mesmo assim de noite, até que ele chegava em casa, ia buscar as coisas, já era um pedacinho da noite (2014, p. 10).

Os informantes acabaram relatando memórias do passado que não tinha relação apenas com a instalação da rede elétrica em Linha Sítio. Durante as entrevistas, mencionaram quais eram os

tipos de entretenimento da época, como as brincadeiras de infância e as festas da comunidade. José marca com ênfase suas principais atividades de diversão:

Olha, o que nós fazia para divertir, eu, eu ainda caçava né e, pegava minha arminha e botava lá as munições dentro e me mandava pro brejo pra caçar umas marrecas pra nós comer né, lebre nós ia caçar, caçava muito. Mas era ir dum vizinho e ir pro outro né, naquele tempo se visitava né, não tinha outra coisa pra fazer (José, 2014, p. 6).

Para Roberta, as brincadeiras eram as seguintes:

[...] os brinquedos eram muito diferentes. Brincava de pega-pega, brincava de se esconder, até de noite os vizinhos vinham, a gurizada, vinha passear na nossa casa e brincava de se esconder de noite. [...] E bola não tinha, fazia uma bola de pano, ninguém tinha dinheiro pra comprar uma e não tinha assim. [...] Ah, brinquedo não tinha, chupar cana, até nós meninada, ia na roça lá, tinha aqueles carreiro de cana no mato, levava a faca junto e passava às vezes a tarde do domingo todinha chupando cana, e aí nos poteiros assim, umas carretinha de madeira assim, só com as quatro rodas né? Aí o poteiro era caído assim, daí nós ia ali pra baixo (Roberta, 2014, p. 12).

A respeito das festas, segundo José, elas ocorriam umas duas vezes por ano e durante sua fala, fica claro a lembrança de festas bem animadas, tanto que ele comenta: "Começava e amanhecia tocando, né, naquela época. Começava de noitezinha, escureceu, já começava o pessoal a chegar. Isso aí era diferente" (2014, p. 8). Acrescenta também que as músicas tocadas pelas bandas eram tocadas "no braço", diferentemente de hoje em que há uma série de aparelhos para auxiliar as bandas na animação das festas.

As memórias aqui narradas refletem histórias de vida perpassadas por uma série de acontecimentos que auxiliaram para uma construção individual, mas também coletiva ou social, do passado. Quando questionados a respeito de como era a vida antes da chegada da energia elétrica, os entrevistados fizeram inúmeras relações, vinculando uma vida sem energia elétrica a aspectos que muitas vezes não tinham relação direta com a eletricidade. Isso mostra a associação com uma vida mais simples, com menos recursos, em que as distâncias eram maiores e o tempo era aproveitado de maneiras diferentes. Ao mesmo tempo, é bem provável que algumas perspectivas sobre a introdução da eletricidade tenham ficado no esquecimento. Como o processo foi interpretado de maneira positiva pelos entrevistados, possivelmente os aspectos negativos foram suprimidos da memória e da narrativa. De acordo com Meihy (2002, p. 66), "convém lembrar que na história oral busca-se o registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais. [...] O que emerge sempre, portanto, são as afirmações concretas; fora ficam os esquecimentos, que, contudo, fazem parte da totalidade dos eventos".

Se entendêssemos o relato dos entrevistados como sendo a realidade propriamente dita, estaríamos nos enganando com uma ilusão biográfica, como assinalado por Bourdieu (2006). Os relatos autobiográficos tendem a percorrer um caminho coerente, a explicitar acontecimentos

organizados em uma sequência orientada que garanta um sentido, uma lógica de desenvolvimento (BOURDIEU, 2006). Sendo assim, como as descrições feitas por José e Roberta continham um sentimento de satisfação em relação à introdução da eletricidade, talvez alguns detalhes não tão satisfatórios tenham sido esquecidos, como conflitos ou desentendimentos entre prefeitura, empresa e moradores no processo de instalação, que deve ter sido bastante complexo. Em relação à vida antes e depois do evento, eles não elencaram pontos positivos e negativos dos dois momentos (algo que parece ser mais “real”), ambos ressaltaram apenas os aspectos positivos de uma vida com energia elétrica, como no que diz respeito ao armazenamento de alimentos, à iluminação da casa, ao acesso à informação e à água.

As entrevistas expuseram o espaço pessoal subjetivo das experiências de José e Roberta em relação a um acontecimento específico. A dona de casa relacionou a data da instalação da rede elétrica a um aspecto da vida privada, o nascimento de um filho, e descreveu muitas mudanças positivas no seu cotidiano após o evento. Roberta relatou que não havia carne disponível todos os dias, pois os métodos de conservação existentes, na banha e por meio da defumação, não permitiam isso. A iluminação da casa facilitou a realização da limpeza, que poderia ser feita, a partir de então, até no período da noite, bem como auxiliou o acesso à água por meio de poços artesianos e motores elétricos. Para Roberta, antes disso era muito difícil obter água para beber e lavar roupa. Ela também expôs que passou a se sentir muito mais segura à noite com a iluminação e expressou que a instalação da energia “foi uma glória grande” e que a vida antes desse evento era “muito mais difícil”.

José, assim como Roberta, associou a data de introdução da eletricidade a um acontecimento da vida privada, o seu casamento, e descreveu como ocorreu o processo de instalação da rede, que envolveu a negociação entre prefeitura, empresa e os moradores da comunidade. Ele pôde descrever em detalhes porque participou do evento. José também afirmou que não podia matar um animal quando quisesse, pois não havia como guardar a carne, somente carne defumada. Porém, quando passou a ter geladeira, “podia encher o freezer [de carne]”. Da mesma forma, antes de ter geladeira, não havia como gelar as bebidas, só deixá-las “mais fresquinhas” por meio do armazenamento nos poços. O acesso à informação também era mais difícil, muitas coisas ele não ficava sabendo ou demorava muito tempo para ter conhecimento, no entanto, hoje é possível saber tudo na hora. Por fim, José relatou que um entretenimento comum antes da introdução da energia era o passeio na casa dos vizinhos, “pois não havia outra coisa para fazer”. É interessante perceber que nesse trecho, o individualismo da sociedade atual como algo negativo não veio à tona, como é comum no relato de muitas pessoas. As lembranças de José acabaram potencializando o evento tecnológico, o que não permitiu que o mesmo fizesse (ou lembrasse) essa crítica.

Enfim, são lembranças e esquecimentos presentes nas memórias de pessoas que vivenciaram a chegada da energia elétrica na comunidade e expuseram mudanças no cotidiano após o evento. Atingimos experiências pessoais que evidenciaram a visão de mundo de um agricultor e de uma dona de casa diante da aproximação com a tecnologia. Não buscamos alcançar a verdade, mas as impressões e sentimentos contidos na memória dos indivíduos, entendendo que “[...] a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles vivenciados e lembrados na imaginação” (THOMPSON, 1992, p. 184).

Considerações Finais

O presente trabalho não pretendeu de forma alguma esvair a temática, até mesmo porque a delimitação espacial da pesquisa objetivou apenas tecer algumas reflexões acerca do tema. Entretanto, foi possível tecer inferências diversas a partir do objetivo do estudo e perceber como os entrevistados guardam na lembrança o processo de instalação da rede elétrica na sua comunidade e o que isso acarretou para o cotidiano. Além disso, o método de pesquisa adotado se mostrou extremamente exitoso, possibilitando o alcance de fontes fundamentais para o estudo, que não teriam sido obtidas por outro meio.

A chegada da energia elétrica até a localidade de Linha Sítio foi relatado como um processo complexo e que envolveu uma série de sujeitos na realização da tarefa. Após a instalação da rede elétrica, foi possível notar uma alteração na realização das atividades diárias e dos hábitos dos entrevistados, sendo possível perceber também um tom de alegria, uma maneira contente de dizer que isso ajudou e mudou consideravelmente o modo de viver dos indivíduos afetados. Os informantes conceberam o acesso à energia elétrica como algo extremamente positivo. Nesse sentido, depreende-se que esta tecnologia contribuiu para a modificação do cotidiano da comunidade, fazendo com que, aos poucos, ocorresse um distanciamento daquele vivido no passado. Este, por sua vez, foi apresentado com uma conotação de sofrimento e dificuldade, embora houvesse diversão, como exposto pelos informantes.

A energia elétrica, os aparelhos elétricos e as tecnologias que chegam a partir da organização infraestrutural da rede elétrica modificaram de forma profunda a maneira de ver e viver o tempo e o espaço local. Como demonstrado no artigo, altera sociabilidades, lugares, paisagens, necessidades e atividades, pessoais e comerciais. A chegada da energia elétrica mudou de diferentes formas a vida dos entrevistados, sendo possível perceber como um agricultor e uma doméstica foram afetados e perceberam a mudança. Paulatinamente, as tecnologias foram alterando a vida dos seres humanos,

provocando mudanças na alimentação, no conforto e no relacionamento entre as pessoas, deixando a vida muito mais dinâmica.

“IT WAS NOT LIKE TODAY, IT WAS MUCH MORE DIFFICULT”: THE ARRIVAL OF ELECTRICITY IN THE LOCALITY OF LINHA SÍTIO, CRUZEIRO DO SUL (RIO GRANDE DO SUL - BRAZIL)

Abstract: The present article makes some reflections regarding the arrival of electric power in a small locality in the countryside of the municipality of Cruzeiro do Sul/RS. The electric power was installed in the locality of Linha Sítio in the 1960s, and it was necessary to integration and cooperativism of the population in order for the project to materialize. The objective of this research is to understand how this transformation was marked in the memory of local residents who experienced the change. The interviews were based on the method of Oral History and combined with bibliographical references on the installation of electric energy in Brazil. The concept of memory is also part of the analysis of the interviews, given that it helps in their problematization. The obtained results allow to infer that, from the perspective of the interviewees, the process of electrification of the community did not happen quickly and was responsible for significant changes in the daily life of these people, which convey a positive feeling in relation to the technology that gave a more dynamic way of life.

Keywords: Electricity. Oral History. Memory.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- Brandon, Carlos. *O Afeto da terra*. Editora Unicamp, 1999.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. Edições Loyola. São Paulo, 1999.
- CASTELLS, Manuel. Inovação, Liberdade e poder na Era da Informação. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade Midiatizada*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GOMES, João Paulo Pombeiro; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. O campo da energia elétrica no Brasil de 1880 a 2002. *Revista de Administração Pública*, p. 295-321, 2009.

IBGE, *Energia Elétrica chega a 97,8% dos domicílios brasileiros, mostra censo demográfico*, 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2011/11/energia-eletrica-chega-a-97-8-dos-domicilios-brasileiros-mostra-censo-demografico>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EdUSP, 1974, p. 183-314.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDONÇA, Sônia Regina de. FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964-1980*. São Paulo: Ática, 1991.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAES, Dênis de. A Sociedade midiaticizada. In: _____(Org.). *A Sociedade Midiaticizada*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade Midiaticizada*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: Uma biografia*. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

SIMON, Camilo. *A revolução silenciosa: a saga da eletrificação rural cooperativada do RS*. Porto Alegre. SESCOOP/RS, 2011.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. *Rev. Bras. Econ.*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 221-246, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Fontes Orais

José – Entrevistado José: depoimento [21 abr. 2014]. Entrevistadores: XXXXX. Cruzeiro do Sul/RS: 2014. Gravação em máquina digital.

Roberta – Entrevistada Roberta: depoimento [21 abr. 2014]. Entrevistadores: XXXXXX. Cruzeiro do Sul/RS: 2014. Gravação em máquina digital.

SOBRE OS AUTORES

Rodrigo Müller Marques é mestrando em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES);

Júlia Leite Gregory é doutoranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Bolsista PROSUC - CAPES;

Sabrina Fabiola Hüther é graduada em História pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES); graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER);

Recebido em 21/03/2019

Aceito em 29/07/2019